EDIÇÃO
— DE —
10
PÁGINAS

ANO I — N. 4

PARNAÍBA (Piauí). Sábado 30 de Dezembro de 1944

# O CÁLAMO

QUINZENÁRIO LITERÁRIO

Diretor — JOSÉ NICODEMOS FONTE
Redator-chefe — JOSÉ EVERARDO DE ARAÚJO

CORPO REDACIONAL:

Sérgio Oliveira
B. Soares
Cicero Viana
Mario Correia
Uchôa de Menezes

# Homenagem especial ao centenário da Parnaíba

DR. MIRÓCLES DE CAMPOS VÉRAS
MUITO DIGNO PREFEITO DA CIDADE.

## NOTA

Temos hoje a satisfação de apresentar aos parnaibanos mais uma edição de "O Cálamo".

Aproveitamos a passagem do Centenário para prestarmos nossa homenagem ao povo de Parnaíba, uma vez que o Centenário é da Cidade e a cidade é o Povo.

Passam hoje pelas páginas de "O Cálamo" os sons vozes mais experientes da vida, mais sábias, mais aptas do que nós, jovens de menos de 20 anos, para louvar êsse ou aquele vulto da história da cidade de Simplicio Dias, para dar maior realce a um ou outro fato culminante de nossa exisetência. E, por isso, deixamos a eles, mais velhos, o encargo de falar, mediata ou imediatamente, do acontecimento que ora enche os parnaíbanos de orgulho. E, além disso, o silêncio dos colaboradores efetivos de "O Cálamo" ainda se explica pelo fato de não termos a aptidão necessária para julgarmos o valor real de tais comemorações, ou pela estreiteza de nossa visão, ou pela magnitude dos acontecimentos.

Antes de fecharmos esta nota, queremos agradecer ao Dr. Mirocles Veras o apoio que nos permitiu a tiragem deste número especialmente dedicado á nossa gente em cujo nome ele tem a honra de representar Parnaíba no concerto dos municipios brasileiros.

E reiteramos, mais uma vez, os nossos protestos de solidariedade ao ilustre prefeito, para qualquer iniciativa que tenha por fim elevar mais e mais o nível de vida material e espiritual do povo, para o engrandecimento do Brasil que só será grande de fato quando todos os brasileiros tiverem os mesmos direitos e forem contemplados o mais justamente possível pelos poderes públicos com os beneficios a que tôda coletividade tem direito.

## CEM ANOS -- as primeiras cans

R. FONSECA MENDES
( Da: A. B. I. )

(Especial para o "O CÁLAMO")

As comemorações com que se teem festejado a data centenária da cidade, teem constituído acontecimentos cívicos da mais alta significação, que atestam à sociedade o elevado padrão de civismo do povo de nossa terra.

Os discursos já pronunciados, todos êles plenos de entusiásmo, de ardôr patriótico, e de uma elevada compreensão dos motivos das comemorações, teem sido como que um retrato da inteligência parnaíbana, focalisando a evolução espiritual que se processou nêstes cem anos de vida cidatina.

Todos os aspectos politicos e sociáis do momento teem sido detidamente estudados e explanados em brilhantes palavras, e o repositório que o 'Livro da Parnaíba" vai constituir, de todo êsse valioso acêrvo, será, certamente, para os pósteros, um exemplo e um incentivo de

(Cont. na 10a. pág.)

# Você, eu e a Ceguinha

Você ainda se lembra daquela ceguinha?

Era nos bons tempos em que eu e você nos encontrávamos na esquina onde ela ficava a pedir esmolas.

Eu, ginasial despreocupado, ou então preocupado com coisas que pareciam montanhas e eram nuvens, ignorando completamente a vida; você, garota, caminhando para moça, despreocupada tambem, mais ignorante que eu no quecerne à vida; e vivíamos um sonho.

Paravamos alí. Já conhecíamos tanto aquela esquina: de manhã, sombra na calçada a esquerda de quem subia a rua, muro vermelho, baixo, que sujava a roupa da gente quandose encostava nele(E a gente,quando chegava em casa, dizia para o pessoal: Onde eu me encostei que sujei a roupa?). De tarde sombra do outro lado: muro alto, velho, sem cor definida.

E a ceguinha sentada perto de nós, pedindo esmolas. Magra, pálida, vestido rasgado, os olhos esbranquiçados, cantando numa voz humilde:

"Meus irmãos me dê uma esmola,
não tenha pena de dá,
mais tem Deus, Nossa Senhora,
Jesús Cristo p'ra lhe dá."

(Por que será que os versos do povo têm em geral 7 silabas?)

Havia gente que passava e dava. Mas muitos nem siquer olhavam para a ceguinha. Gente do coração ruim que só pensa no próprio bolso.

Mas a ceguinha não achava ruim, pois acho que ela sabia que há, e não pode deixar de haver, ao que parece, muita ruindade nos homens, porem muita bondade tambem. E pode até ser que ela achasse a vida bela. Ouvia tantas coisas bonitas sôbre a vida, ditas por nós...

Era como uma espécie de confidente, participante de nossos ingênuos segredos.Testemunha cega do nosso amor. Quantos projetos loucos, quantas promessas, quantas palavras de amor não ouviu ela de nós? E ate sobre estudos falávamos ás vezes.

Viu muitas vezes que eu pegava em suas mãos. Garanto que viu! Pegá-las e retê-las entre as minhas, carinhosamente, sem malícia. Viu sim, pois não percebia que minhas palavras eram mais doces, minha voz mais macia, mais suave como um sopro de vento que lhe acariciasse os ouvidos? E que você se calava e parecia querer guardar bem dentro de seu coração aquelas palavras e aqueles momentos?

Pois é.

A ceguinha era nossa amiga e a única pessoa que compreendia nosso amor e sabia porque as aulas iam quase sempre até 4 e 1/2 e 5 horas da tarde..,

Nossa amiga. Era por isso que me doía mais ainda a recusa de esmola á ceguinha.

As pessoas passavam,o vento despenteava os cabelos dos estudantes, jogava areia nos olhos da gente, as árvores faziam mesuras se o vento passava enraivecido. Apitava na estrada 15m. para ás 5 da tarde. Eu ia para casa, você tambem:"' Té logo, ceguinha".

Um dia começamos a falar em separação. Ela ouviu que eu falava em ir para terras mais frias, mais adiantadas, bem longe.

Nossas conversas ficaram mais tristes e ficávamos minutos silenciosos, olhos nos olhos, a gravar bem na retina um a imagem do outro, para que ela não se gastasse nos anos de separação.

Um dia nos despedimos.

Aposto que a ceguinha viu cairem umas lagrimas rebeldes de seus olhos; minha voz tambem ficou trêmula, rouca. Seria por causa de um resfriado?...

Partí.

Lá longe sempre me lembrava de você, sempre mesmo.

Muitas vezes me lembrava tambem da ceguinha e via sua figura, nitidamente em minha memória.

Às vezes, ao vagar pelas ruas, via outras cegas, pedindo esmola, pálidas e magras como ela. Então eu pensava nela e dizia: E's mais feliz aí, ceguinha os homens ainda são mais simples, civilização não levou tanta desconfiança aos corações, o sol é mais amigo, o vento mais acariciador, aí nesta terra!

"Aqui o sol é fraquissimo e gela o corpo, o vento cortante, o coração dos homens frios como o tempo. As ceguinhas daqui são mais infelizes." Quando elas, roxas de frio, pediam uma esmola e os homens passavam indiferentes, eu dizia: "Será que os homens são maus assim ou isso è culpa dos que pedem sem neçessidade?"

Porem não havia quem me respondesse.

O sol quente me acariciou, o vento me despenteou de novo os cabelos e eu lhe vi. Nestes primeiros dias só pensava em ver. conversar com você, olhar nos seus olhos, pegar nas suas mãos. Lhe dizia as mesmas palavras de antigamente. Com mais calor,emoção. Só para nós dois, porque haviamos abandonado a esquina da ceguinha.

Era que muita gente entendia que namorar era perder tempo, amar uma idiotice. Essa muita gente subordinava o amôr ao dinheiro, à idade, ao cargo. Sò se póde namorar quando se é rapaz de futuro, bem colocado.

Mas nós não entendíamos assim ...

E procuramos outro lugar, mais escondido das linguas compridas, dos olhares maliciosos.

Às vezes eu via a ceguinha e lhe dava uma esmola.

Você mudara um pouco, eu outro tanto e ela nada. Era a mesma.

Um dia disseram a ela: «Vá pedir esmola no mercado!»

Hoje passei pelo mercado. Havia um ajuntamento. Indaguei. «Um caminhão pegou uma cega. «Era-a ceguinha.

E lá estava ela estendida no chão, seguira o caminho ... Me deu vontade de chorar. Mas não chorei não.

Para que viver morrendo aos poucos, vegetando na vida, sem ter um lar humilde, mas acolhedor, pobre mas não miserável?

Para que viver falando, só pela presença, contra o descaso de quem poderia dar um jeito na miséria do país?

Para que viver magoando o coração de quem tem pena da miséria, de quem sente um pouco de solidariedade pela sorte de seu irmão desgraçado?

Cada pobre que morre é acusador desaparecido dos ricos ociosos, inúteis, parasitas, exploradores, despresíveis que pululam por aí e infetam as águas da sociedade e envenenam a vida de quem é idealista ...

No entanto, eu sinto saudade de você, ceguinha!

CÍCERO SILVEIRA VIANA

## CURIOSIDADES

A ilha de Marajó, a maior do Brasil, é maior do que a Bolgica.

O coração do recemnascido bate cento e quarenta vezes por minuto.

Das bandeiras dos paises sul-americanos a do Perú é a unica que apresenta listas verticais.

A Lua percorre a órbita com a velocidade de pouco mais de um quilômetro por segundo.

Em Zante, ilha do mar Egeu há um poço de tres mil anos.

O espírito procura, mais é o coração que encontra.

JOAQUIM DE ALENCAR PINTO

COMPRA TODOS OS GÊNEROS DE PRODUÇÃO DO ESTADO,
PELOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

End. Telegr:- JOAQUIMPINTO

Praça 24 de Janeiro, N. 50

PARNAÍBA — PIAUÍ

# "Entre tubos e retortas"

### POR ANTONIO DE PÁDUA MONTE

Desde remotas épocas, os homens, no afã de tornarem a vida mais rica e mais longa, lançaram-se denodados ao estudo... persistente e à pesquisa laboriosa.

Os que primeiro trabalharam, com este fim, foram os alquimistas, homens que, afastados do turbilhão do mundo, e absôrtos na insuficiência dos tratados existentes, procuravam solução para dois magnos problemas da humanidade: a «pedra-filosofal» e o «elixir da longa vida». O primeiro buscava o modo de transmutar as demais substâncias em ouro e o segundo, o meio de conservar o homem sempre jovem e imune de quaisquer males.

Eram os alquimistas homens de têmpera fortissima e ânimo inabalável. As inùmeras derrotas e decepções não lhes diminuiam as esperanças, pois o ùnico mundo que existia para êles era o fusco recinto de seu tôsco laboratório e suas vidas pareciam depender da mistura confusa que crepitava nos cadinhos.

Debalde, porem, alimentaram éstes sonhos fagueiros e novos periodos sobrevieram à alquimia: periodos iatroquimico, do Flogistico e moderno, afinal.

E', agora, Lavoisier que surge, impassivel e valoroso, a demolir falsas teorias e a erigir outras, que deram base a uma nova fase de progresso crescente e cultura mais sólida, no dominio da Ciência dos tubos e retortas.

Com o mesmo denôdo dos alquimistas, Lavoisier, e os que lhe seguiram recolhiam-se à solidão de seus laboratórios, num trabalho árduo entre fórmulas e vidros, descobrindo e aperfeiçoando meios de facilitarem a vida humana tornando-a mais agradável e amena.

E' que os alquimistas passaram, porém seus sonhos ficaram.Pela realização dêles ainda trabalham impàvidamente os quimicos contemporâneos. E hoje, quando os alvos mármores dos laboratórios se enchem de aparelhos precisos de recente invenção e as estantes das bibliotecas se acham plenas de compêndios sobre maravilhosas teorias do campo imenso da Química, já se pode dizer que os sonhos dos alquimistas, embora em parte, estão realizados.

Lutando e trabalhando no encalço do «ELIXIR DA LONGA VIDA», muito têm produzido os químicos para a longevidade e juventude humanas. Assim, os recursos farmacológicos que possuimos hoje, os impulsos atuais e notáveis da bacteriologia, o progresso dinâmico da endocrinologia, os mais eficientes meios profiláticos, usados nos dias de hoje, são resultados da pesquisa demorada e paciente de centenas de químicos, entre tubos e retortas.

A «PEDRA-FILOSOFAL», parcialmente realizada, não significa a solução do mistério da transmutação das substâncias em ouro (é bem verdade que muito se tem investigado em torno da transmutação dos metais, entre cujos estudiosos salientam-se Becquerel, Mme. Curie, Rutherford, W. Ramsay e outros), mas a contribuição extraordinária da Química para tornar a vida mais rica, porém mais barata, mais sã e mais confortável.

São criações dos mágicos aventureiros das redomas os novos combustíveis para a indústria e os processos inùmeros que a têm reformado, tornando-a mais prática, mais ràpida, mais eficiente.

E' o químico que tem dado ao agricultor os adubos sintéticos e que lhes tem ensinado meios prósperos de aproveitar produtos da lavoura, antes abandonados, por serem tidos como inutilizáveis.

Os calçados, as vestimentas, enfim :quase tudo que usamos depende, na beleza e na contextura, de métodos químicos, antes estudados pacientemente em um tubo de ensaio.

«O químico, diz H Gordon Gaberdian, já tem adquirido poderes assombrosos de modelar as vidas e domesticar o meio em que nos movemos. Não dependemos mais da boa vontade da natureza. Gradual, embora vagarosamente, desenvolve-se a nossa capacidade de dominar e modificar as circunstâncias externas do meio. Como uma nação, vamo-nos tornando econômicamente independentes».

Para isso, hão-de surgir milhares de químicos que adorem o silêncio dos laboratórios e que lutem insanamente com o mesmo ideal, que possuiram os alquimistas, de tornar a vida humana mais sadia e mais amena, enfim mais digna de ser vivida.

As aspirações alquímicas ainda persistem...

Os Lavoisier, os Pasteur, os Ipatieff dos tempos hodiernos nada mais são que novos Flamell, novos Aquino, novos Brand, dos dias de ontem.

FIM

# O SADISMO DA IMPRENSA

### MAC ADAM

Quando estive em Fortaleza, tornei-me desde logo assíduo leitor de jornais. Todas as tardes, esperava ancioso a passagem do jornaleiro, para ler os artigos de fundo do meu jornal favorito: «O POVO». Os assuntos que mais me chamavam a atenção eram as crônicas diárias de Anibal Bonavides, Jader de Carvalho, Ramaiana e outros. Então, fiquei ciente de que o jornal se presta á divulgação da cultura, e, para aumentar a impressão, á divulgação da barbárie dos homens. Mas o que pretendo, não é falar sôbre a imprensa do Estado do Ceará, e sim sôbre a de tôda parte, aquela que se desvia da sua devida finalidade.

Como è possível a imprensa ser sádica, ou melhor, alimentar a curiosidade do povo á custa de sangue? A imprensa é sádica quando, constatando a satisfação que o público sente com a desgraça alheia, põe em evidência, em maior destaque, principalmente os fatos mais abomináveis, os crimes bárbaramente praticados. Quanto mais impressionante for o acontecimento, maior será a circulação do jornal. E' uma febre mórbida de notícias macabras! Em vez de fazer uma leve referência ao ocorrido, são reproduzidas a fotografia do criminoso, sua vida, idade, maneira como agiu, enfim todas as minúcias. O autor da façanha por vezes se sentirá orgulhoso de ver o seu retrato estampado na primeira página como «heroi», como o «tal» que... se tornou célebre e conhecido por todos. Contudo, não são eles os verdadeiros herois da nacionalidade, escondidos que vivem no anonimato e no desprêso.

A imprensa consegue fazer muita fortuna dessa maneira, sem que esteja contribuindo para o bem do povo. Inconcientemente, ela incute na imaginação dos leitores o lado feio da vida, que já não é de todo risonha. Seu dever, pelo contrário, deveria ser o de exaltar a virtude, as vidas abnegadas dos benfeitores, sem honras e publicidades.

Em vez de enegrecer ainda mais a nossa pobre existência, seria mais conveniente torná-la menos áspera e mais alegre. Procurar divertir o povo com humorismo, cultura e arte, deixando ignoradas as baixezas humanas, os vis empreendimentos.

E' oportuno mencionar aqui as revistas americanas. Não resta dúvida que se faz campanha contra o crime, pois que «quando chega a técnica policial, o crime não compensa...», porém não se leva em conta o intoxicamento que esta leitura provoca. Eis os adjetivos que se dão aos contos: Macabro! Formidável! Assombroso! Arrepiante! Tétrico! O indivíduo intoxicado pela leitura de revistas policiais, torna-se impregnado dessa atmosfera indesejável, onde se perpetram as maiores tragédias e crueldades! O seu espírito só poderá ficar impoluto, salvo se for de idade avançada e de firmeza acentuada.

Os jovens, que acham a vida bela e bôa, ficarão decepcionados ante a brutalidade, interpretando a vida pelo prisma sinistro a que se acostumaram a observar. Porisso, fujamos do contágio dos contos sensacionais, cultivemos as leituras sadias, amemos o presente e nos preparemos para as surprezas do futuro.

E a imprensa do Brasil seja mais um pouco humana...

— A PIAUIENSE —

de ANTONIO RODRIGUES

VENDE:— Vinhos, Conservas, Perfumaria. Pelos melhores preços da Praça.

Rua Sousa Martins n. 1089 — PARNAIBA — PIAUI

# OLHOS FRIOS

**SÉRGIO SOARES**

Vales do mundo
Chelos de làgrimas,
Flôres do mundo,
Cheias de espinhos,
Faces do mundo,
Cheias de dor,
Almas do mundo,
Cheias de penas,
Sempre gemendo,
Sempre chorando,
Sempre gritando,
O', se não fossem,
Mulher, teus olhos
Frios, tão bons
Para esquecer.

# AMIGO

Você leu meus últimos artigos, fez lá seu comentário pró ou contra, conjeturou sôbre isto, isso, ou, aquilo do mesmo, até o titulo não combinava com o assunto de editorial.

Mas você divagou sôbre um mundo de cousas, não imagina, não sabe, — Por que escrevo ? !...

—? !...

Veja-amigo, que convencimento, «escrever», rabisco, garatujo, fica muito melhor. Si assim o faço, é por um sentimento que me invade a alma; nessa minha hilariedade, tenho e sinto mesmo uma ansia de dizer: a um amigo, o outro, e a um mundo de gente, contar a quatro ventos o que eu acho belo, não sou egoista, não quero saber só, não quero o tesouro avaramente. Por isso, escrevo, para mostrar os segredos, os tesouros, e os meus próprios pensamentos e sentimentos bons aos homens de bôa vontade.

Aliás, este artigo muitas vezes, poder-lhe-á parecer inoriginal, pois, muito se tem feito e dito neste assunto, mas as idéias, os conceitos, as palavras e fórmas, aqui são originais, porque é o que eu sinto.

Escrevo para traduzir esse fogo-fátuo que lavra em minha imaginação; e às vezes quando da pena pego, pareço outro, recebo vida, carne, ossos, vestes, tenho outra indumentária. E, a proporção que no papel vou assinalando com a minha cacografia o que me vai no cérebro, envelheço, a cabeça toda enfeitada pelas neves dos anos, mal contenho o seu peso. Os olhos — esses são turvos, embaciados, vejo um mundo que não ví e já passou; é uma téla de cinema maravilhoso, onde se escôam os quadros, as imagens dos denegridos castelos que idealizei, que admiravelmente construí no ár.

Até o ouvir tem suas impressões, e, ele minutos há em que é surdo, outros em que me faz lembrar uma doce sinfonia, os sons de uma languida serenata em noites enluaradas; e, sinão quando rebenta como um furacão desabrido, um turbilhão de notas, num torvelhinho de tons, semitons e agudos...

Si o ouvido tem as suas emoções, falo-lhe do coração. Sim. Ele fica exausto, pulsa com irregularidade, pára, bate descompassadamente, enquanto entre lágrimas: — fala, sozinho, coração de um velho-moço, aspirando sempre o

Este jornal foi impresso na
Gráfica PARNAÍBANA

# CRONICA DAS SEIS HORAS

*Madeira Basto*

Seis horas...

Ave, Maria...

Morrem no espaço os derradeiros sons do Ângelus... Desaparece atrás dos montes o astro-rei, tingindo de púrpura o azul sidéreo...

Paira no ar um "que" de mistério...

A Naturesa parece suspensa de sua rotina diária...

Vindos com o vento, ouvem-se sutilmente sons de uma melodía terna, dolente...

Cobre o vale um ambiente de misticismo, de mistério quasi...

É a hora maxima das conciências...

É o momento da remissão dos pecados...

No adro da igrejinha, envolvida pela doce penumbra do dia que morre, o cura da aldeia, cabeça alva da neve dos anos, reza...

Uma claridade sobrenatural envolve a imagem da mãe de Deus..,

As núvens, inundadas de sol, têm uma feição fantasmagorica...

A brisa sopra de vagarinho por entre o arvoredo que farfalha, pondo no ar um ruído de vozes longinquas, a repetirem as palavras da Ave, Maria...

O sabiá, primeiro músico das matas, gorgeia enternecedoramente uma melodia cálida, tentando acompanhar os acordes harmoniosos do canto das seis horas...

E, nessa hora, Ódio, Dôr, Tristeza, Mentira, não têm guarida.

No convento, alva como os lírios dos campos, a esposa de Jesus, na sua cela, ergue os olhos para o crucifixo e pede paz para a humanidade, balbuciando...

Ave, Maria... cheia de graça...

CASA
"Manoel Branco"
ESTIVAS, MIUDEZAS E
GENEROS ALIMENTICIOS
Telefone - 118 Teleg.: BRANCO
PRAÇA DA BANDEIRA, 1006
PARNAÍBA — PIAUÍ

impossível, incontentado com a sorte, buscando e lutando sempre contra o destino, muitas e muitas vezes, ele lê as linhas de sua vida, mais não acredita na—sina.

Quando escrevo, metamorfoseio-me em outro, sou bom, justo, caridoso, humanitario; se bem da necessidade da humanidade, escrevendo, pratico a mais sublime de todas as religiões, de todos os credos, sou então o apóstolo do bem, que me ofereço em holocausto a Deus para que os homens tenham paz, a concordia, ensino-lhes o credo do Otimismo.

Quando sinto necessidade de matar saudades, afogar as desilusões, levar um pouco de carinho a um e dar consolo a outro que está irremediavelmente perdido,—eu escrevo.

Do amigo
José Piauindio

# Literatura de todos os tempos

## CRôNICA

BENJAMIN COSTALLAT

Há uma anedota sobre um inglês, velho experimentado da vida que ao se despedir do filho que partia para terras distantes em busca de fortuna, deu-lhe o seguinte conselho:

– Go, my son... Be honest, if possible!'..
But make money...

— Vá meu filho... Seja honesto, se fôr possivel. Mas faça dinheiro!,..

O espirito da época parece filho deste inglês.

Fazer dinheiro!

E' a preocupação geral. Nem se sente outra.

Ser honesto, se fôr possivel... E nunca é possivel! Nunca! A vida moderna não dá tempo a essas possibilidades. Todos querem se encher o mais depressa. Antes do visinho. A' custa mesmo do visinho.

O escrúpulo é uma noção vaga. A honestidade é um sentimento romântico. E o que se quer é avançar, avançar, avançar!

Os processos são muitos. Mas a finalidade é a mesma.

Evidentemente, não é com o produto de sua honestidade que funcionários, que recebem pouco mais de conto de réis de vencimentos, pódem ter automoveis de preço e amantes sem preços...

Não è com honestidade que se vestem mulheres de seda e joias.

Não è com a honestidade que o luxo cada vez mais se implanta e cria exigencias novas e faz, cada vez mais, do superfluo o indispensavel

Não é com a honestidade que se sustentam as casas de joias e as lojas de automoveis.

Não é com a honestidade que se compram os beijos mercenários das mulheres que se vendem.

Não é com a honestidade que se faz pular da terra, como cogumelos doirados, centenas de "bungalows" do dia para a noite.

— Be honest, if possible!...

O velho inglês era modesto.

Aconselhava a honestidade, se fosse possivel...

O esforço hoje é em sentido contrario.

Cada qual procura ser mais ladrão do que o visinho.

E' a concorrencia da esperteza e da patifaria.

Mesmo porque, quem nasceu sério, já nasceu roubado...

## A "GARÇONNETTE"

*Por SEDITH*

*Lar pobre. Irmão pequeno. A mãe doente,*
*Sentindo á morte o gélido arrepio,*
*Abraça a filha... expira... ao repente...*
*Tudo é miséria, "e há fome e há frio"...*

*Agora, a filha, sob um sol ardente,*
*Em vão procura um âmbito vasio.*
*Onde mitigar possa felizmente,*
*A fome, a sêde, o transe fugidio*

*Enfim, no bar, sorriu-lhe a vida agora...*
*Despem-na olhos molhados de desejos.*
*Chia o dinheiro, em vez da fome outrora...*

*Retretas... Carnaval... malandros beijos...*
*— Casarei com você — dito ao luar...*
*Honra roubada!... Espanto!... Lupanar...*

Scneto do Pe. ANTONIO TOMAZ

## EMIGRANTES

**Sentindo a vida incerta e mal segura**
**Nos seus campos natais, de quando em quando,**
**Os pobres cearenses vão deixando**
**Os lares, sem conhôrto e sem ventura,**

**E, por plagas mortíferas, procura**
**Dos filhos de Iracema e triste bando**
**O que na Pátria se lhe vai negando**
**Por uma lei fatal, de sina escura.**

**Ah! despedaça o coração da gente**
**Ouvir-lhes, no momento da partida,**
**O extremo adeus, num suspirar dolente...**

**E pensar que essa mísera coórte,**
**No duro empenho de buscar a vida**
**Vai, sem saber, seguindo para a morte,**

## Canção para amanhã

MURILO ARAUJO

Na hora em que nossa festa humana
for serenata que acabou
quando cerrada já a persiana
a mandolina silenciou;

Na hora em que finda esta pavana
de baile feérico a Watteau,
o amor na festa palaciana
for como um Rei que se afastou,.

Indagarei: minha alegria
onde está na noite fria,
que sege de astros a levou?

Pois só verei na sala acesa
a morte, a última princesa,
que inda bailando me esperou.

## CONSELHOS ÚTEIS

Nunca falta fôrça a quem sobeja intellgência: a ignorância é que é fraca e impotente.

Acostumai-vos a procurar de vez em quando um refúgio nos vossos livros; quando não,se sois bom e ingênuo, viveréis infeliz.

Na maioria dos casos, o chamado complexo de inferioridade provem de temores infundados que nos acovardam, e incapacitam a ação. O temor se vence pelo atrevimento.

Antes de notarmos ou comentarmos os defeitos alheios, observemos os nossos.

Estuda, trabalha sem o mando ou a imposição de alguem. Estuda e trabalha por tua livre vontade.

# Cuidado com a trave!...

MARCO TULIO

Não sei bem ao certo porque nas cidades menores a vida alheia é assunto para todas ocasiões, lugares e círcunstâncias.

Nos grupos de estudantes que ficam sentados pelas praças, não se fala: suas conversas, ou melhor, suas incursões pela vida alheia, são, no mais das vezes, simples digressões às palestras sôbre futebol, cinema ou outra coisa mais crespa e não atividade proposital.

Falemos das respeitaveis matronas e senhoritas cujo prazer (o prazer predileto, notem) é falar dos outros; mal ou bem, não importa a elas: o certo é que querem falar. A principal ocupação é catar mexericos para passar adiante. O principal emprêgo de tempo é engendrar histórias sôbre Deus e o mundo.

Dividamo-las de princípio em duas classes: profissionais e amadoras.

As primeiras são os jornais ambulantes da terra. Por certo perderam um pouco de cotação com o telefone, mas vão vivendo...

Encarregam-se de espalhar pela cidade tudo quanto é mexerico, invenção, intriga e fatos existentes ou por existir. Entram em sua casa, leitor, a pretexto de uma palestra e lhe »filam» o almoço, jantar ou merenda, conforme a hora.

O pagamento: descrevem para você a louça de D. Mariquinhas, a roupa de cama da D. Joana, a dispensa de D. Candoca, etc. Relebram o tempo em que a Chica, mãe de tres filhos, teve sarampo, quantos dias passou de cama, etc. Depois dão um adeusinho sorridente e... se lembram que bem ali na esquina estavam o João e a Carolina conversando de mãos dadas, bem juntinhos, com roupa assim, assim, sapato dêsse jeito, etc. Fazem uns comentários ultra-venenosos ao namôro dos dois e, finalmente, vão embora. (Se você é parente da Carolina e quer comunicar o fato à mãe dela, nem precisa se incomodar: a profissional mesma irá.) E assim de casa em casa.

As amadoras—talvez amadoras por imperativo das circunstâncias—não andam de lar em lar a espalhar men-

(Cont. na 7a. pág.)

SOPIEL

Sociedade Piauíense de Importação e Exportação Ltda.

End. Teleg. SOPIEL — Caixa Postal n. 21 — Telef. 248

AV. PRES. GETÚLIO VARGAS N. 11-21

—COMPRA—

Cêra de Carnaúba, Babaçú, Tucum, Fibras vegetais,

Peles, Couros, etc.

—VENDE—

Bebidas e Estivas, Nacionais e Estrangeiras.

REPRESENTAÇÕES

PARNAÍBA — PIAUÍ — BRASIL

# Em pról dos irracionais

ALARICO DA CUNHA

A falta de noção entre o nosso homem do pôvo acêrca dos deveres de proteção aos animais é de tal forma tão evidente que lhe não ocorre á mente que esses sêres estão sujeitos á dôr física.

E é assim que os vendedores de galinhas as conduzem amarradas pelos pés e enfiadas num páu, de cabeça para baixo. Nessa posição, acremente dolorosa, passam as infelizes aves dias inteiros, acontecendo que algumas sucumbem apopléticas, outras deslocam o ôvo maduro que tinham a deitar naquêle dia, provocando-lhes a morte lenta e penosíssima.

Os vendedores de preás nos nossos mercados e pelas ruas da cidade ainda fazem pior. Alem de conduzirem de cabeça para baixo os pequeninos roedores, como fazem com as galinhas, furam-lhes os pés á ponta de faca para enfiar cordões e transportá-los á venda em grande quantidade; verdadeiros rosários de préas...

Medite, agora, o piedoso leitor, na dôr alucinante que devem sofrer essas criaturas de Deus nas mãos daquêles que se dizem feitos á imagem e semelhança do Supremo Amor, da Suprema Bondade!

Depois nos dirá se temos ou não razão em condenar tão chocante barbaridade.

Não são menos verdugos, nem menos crúeis os nossos condutores de jumento, com pesadíssimas cargas d'água, tijólos, telhas e outros materiais de alvenaria e semelhantes.

Quando êsses animais exáustos e cansados, caem sob a pressão dum pêso superior ás suas forças, ainda os condutores os açoitam cruelmente para que se levantem.

O sentimento de piedade nessa classe de gente é tão opaco que raramente lhe acode á lembrança que para conseguir levantar o animal, torna-se necessário que lhe tire das costas a carga que não podia mais suportar.

O cavalo não é uma vítima menos frequente da crueldade humana. Quando faz o serviço de cargas sofre os mesmos tormentos impostos aos jumentos e aos burros.

Na mão do homem rústico, o cavalo padece rigorosamente as longas e permanentes viagens, sob a pressão da espóra e do chicote, cujo castigo aumenta-se á proporção que o animal se vai sentindo fatigado de andar e escasseando o trote.

Ao tirar a sela, temos visto muitas vezes, agarrados á manta, pedaços da pele ensanguentada do animal ferido pela fricção da mesma com o pêso do cavaleiro nas viagens exaustivas. Torna-se, daí por diante, uma ferida crônica, porque não há interesse algum pela cura, embora se conheçam os meios de efetuá-la. Continua a mesma séla ou a mesma cangalha ás costas do pobre diabo que a Natureza sabiamente deixou de macular com o despresivel sentimento de vingança...

O boi de carro, o manso e lacrimoso boi, é uma outra vítima bem conhecida da tortura imposta pelo homem rústico e civilizado. Arrastando o pêso descomunal dum carro, da alta madrugada ao pôr do sol ou puxando o engenho de cana e de mandióca, o boi sofre, passivamente o ferrão e o azorrague.

Entregue o tristissimo destino de domesticidade aos homens que atravessaram a infância garotamente, torturando sapos, camaleões, lagartixas, quebrando os ovos dos passarinhos e trucidando aves implumes, não pode deixar de sofrer o «boi paciente e amigo» todos os horrores duma existência inglória, votada ao requinte da maldade.

Mercê de Deus, as sociedades protetoras dos irracionais vão cogitando diariamente todos os meios possiveis a ser postos em prática no intuito de dar combate a tão arraigada obstinação.

E' a obra da Providência Divina superpondo ás misérias do mundo, porque enquanto o sentimento da caridade humana não atingir dum modo eficaz a todos os sêres da criação, o homem será sempre o eterno Adão sem Paraiso; o mesmo bárbaro antediluviano a receber o «choque de retôrno—«Karma» coletivo que vai infligindo aos pecadores e atingindo aos justos.

A peste, a fome, a guerra, a desolação e todo o gênero do mal, enfim, têm, em parte, a sua origem na «egregora» deletéria que constituimos em perseguindo os sêres inferiores.

Quer reformar seus impressos?
Procure á "GRÁFICA PARNAIBANA"

# Contrastes

## Por Sedith

O quarto penumbrado pela lâmpada de gás, tinha o aspécto fúnebre de esperanças mortas. As paredes, descoradas, mostravam do barro a côr natural. Os livros, desarrumados, rolavam pela solo atijolado, e o vento, entrando por uma grêta da janela, fazia das fôlhas sôltas seus papágaios de papel; enquanto o caixão que servia de estante, havia completamente desabitado. Uma toalha de algodão, maculada de tinta, cobria uma humilde mesa, por sôbre esta, o completo desalinho dos objétos, demonstrava uma angústia, desespêro, uma inquietação, à pessôa que alí estivera.

O estudante, sentado à beira da rêde, com os dedos enterrados nos cabelos, compassadamente, soluçava ...

Era-lhe o mundo um cárcere de sacrifícios.

Nem completara a fase adolescente, morrendo o seu pai, assumira a responsabilidade da casa: jamais deixaria sem leite o seu irmãozinho nascido fazia pouco; nem sem escola a Clarice, orgulho da família e dos professores; tampouco sem confôrto sua pobre mãe, tão precocemente envelhecida pelas lutas cotidianas. Jogou-se ao trabalho sem medir sacrifícios, numa luta desigual e encarniçada, à conquista do necessário.

Jamais houvera tempo ás peraltices. Nunca gastara o dinheiro do mercado com os "films cowboys". Em tempo algum sorriu-lhe a sua quadra infantil, atribulada de fadigas e labutas incessantes. Jamais saciara a sua sêde na fonte dos prazeres, onde sómente bebiam os convidados.

Apenas o quimérico perfume restara-lhe dos ideais moços. Quando estudante era a Medicina seu desejo maior. Sonhara com as facilidades monstruosas, com os professores clarividentes, com a pedagogia moderna des grandes Universidades. Subitamente falecera seu pai ... tudo desmoronado efêmero, passageiro ...

Agora, os seus soluços eram queixas ás autoridades terrenas; as suas lágrimas, súplicas ao todo poderoso.

Restava-lhe, porém, armazenado nos cofres do peito o veneno da juventude sonhadora. A cusadia animava-o a prosseguir, caminhar á frente, pois a terra prometida não estaria tão longe. Num gorgesir chorante o pássaro, aprisionado na gaióla da vida, canta:

Na gaióla, talvês, do meu ideial,
O pássaro cativo vê, afinal,
A natureza que outro domina.

E ainda canta o pássaro cativo
A floresta sem fim ... sonho perdido!...
Um paraiso encantado - A MEDICINA!

---

A casa pegada - estilo oriental - era um chalé suntuosissimo.

Ao som de possante vitrola, em vasto e luxuoso salão, alegres. garbosos, satisfeitos, rodopiavam um grupo de cabecinhas de vento.

Cont. na 8a. página

## Retificação

**Queremos aqui apresentar desculpas aos nossos colaboradores Cícero Silveira Viana e Marco Túlio e retificar o engano que houve com os trabalhos dos dois jovens: o intitulado: «VOCÊ, EU E A CEGUINHA» é da autoria de Marco Túlio e «CUIDADO COM A TRAVE!...» de Cícero. O que aconteceu foi uma troca de autoria, só notada á última hora, não permitindo mais revisão tipográfica.**

## NOTA DE AGRADECIMENTO

Agradecemos intensamente o gesto expressivo, que muitos nos encareceu, da Booth & Co. (LONDON) LTD, desejando-nos prosperidade, no ano que entra, demonstrando, assim, que alí se dispensa particular atenção ao nosso humilde órgão de redação.

Igualmente, retransmitimos, à nossa felicitante, prosperidades no decorrer do ano novo, augurando-lhe que sua marcha sempre seja por caminho juncado de redentes felicidades.

# Cuidado com a trave!...

(Continuação da 6a. pág.)

tiras e a tratar do que não è da conta delas. Fazem isso, às vezes pelo telefone, âs vezes em algum encontro mais ou menos ocasional com as amigas. Eu tenho muita pena delas porque têm tanta vontade de ser profissionais... Mas os afazeres domésticos não o permitem...

Quer me parecer que o assunto preferido por estas amadoras seja o namôro alheío. Quando vêem dois namorados juntos têm logo assunto para uma hora de conversa (Em geral o telefone-ah! Graham Bell-bate logo para as amigas, logo que encontram os dois e então ... lá vai conversa ...), Mas o pior não é isso: resolvem ser governantes das filhas-e âs vezes dos filhos-alheias e é só enxergar uma garota namorando vão logo falar aos parentes da pobrezinha que suspeita ser assunto para tanta conversa.

Sôbre êsse interesse mórbido pelos namoros, observei um fato interessante: passava por uma rua de Parnaíba, quando vi todo o pessoal duma casa desembocar porta a-fora para ver qualquer coisa. Julgando que era um boi voando procurei ver também o motivo de tanto reboliço. Cheguei a uma conclusão pouco lisonjeira para as ocupações daquela família: o que acontecia era apenas isso; um casal de namorados que passava pela rua ...

Os homens também apreciam alguma coisa a vida alheia e aqui nesta augusta terra de Simplício Dias a lìngua deles corre parelhas com as das representantes do chamado sexo fragil ... E neste meio andam muitos senhores aitamente respeitados ...

Paremos por aquí e deixemos agora ao leitor o trabalho de se recordar de fatos e feitos atinentes a êste assunto ...

Antes porém queria saber por qne estas respeitaveis matronas (tôda mulher, entrando nos 40 e alguma coisa é respeitavel matrona, porque?), gentis senhoritas e sizudos barbados não se ocupam mais com a sua vida e com a dos seus?

Fazendo isso garanto que lucrariam muito mais, tanto em dinheiro como em tempo. E, além disso, fugirão àquela frase de Jesus: «Ai de ti, hipócrita, que vês o argueiro no olho do teu irmão e não vês a trave no teu!»


# Loja do Leão

— DE —

ANTONIO TOMAZ DA COSTA

Telefone-195 — Telegrama TOMAZ

PARNAIBA — Praça Cel. Jonas, 881 — PIAUÍ

**Depósitos:—de tecidos e mercadorias em geral**

VENDEDOR DO AFAMADO CIMENTO VATORAN

**O amigo pracura de comprar barato?**

Pois vá sem demora,

"á Loja do Leão, que como vence a carestia',

# ESCÂNDALO

*Paulo Setubal*

Era costume, à tarde em frente à escola,
Por entre os homens graves da terreola,
Bisbilhotar-se sobre a vida alheia.
Nas rodas que tratavam tais assuntos,
Aquela história de passearmos juntos
Era o supremo escândalo da aldeia!

E o chefe, e o juiz-de-paz, e o boticário
Faziam o mais negro comentário
Ao nosso ingênuo amor todo feitiço!
O próprio padre, um santo e velho cura
Dizia ao ver-nos: "Eis a má leitura!
"São livros de Zola que fazem isso..."

Mas nós, como os pastores de Vergilio,
Vivendo então num descuidoso idilio,
Sorriamos dos toscos provincianos;
E em plena aldeia, desdenhando apodos,
Passeávamos de braço entre eles todos,
Na glória dos que se amam aos vinte anos!

# O BRASIL E A DEMOCRACIA

## Oliveira Viana

**(Trecho do prefácio de «O Idealismo da Constituição»)**

De Berzelius disse Ostwald- "que construia eternidades com grãos de areia". Das nossas novas gerações, que agora se vão preocupando com os problemas da organização do Estado Nacional, poderiamos dizer o mesmo: é com a soma dos poqueninos grãos de verdades, colhidos nas jazidas da nossa experiência social, que elas hão de construir as eternidades da nossa estrutura política. O que as gerações anteriores têm arquitetado até agora, com materiais vindos de fóra, não têm mostrado possuir condições de eternidade: são sempre, como se tem visto, de natureza perecível e transitória.

Das construções democráticas levantadas em nosso país-desde a Constituição Imperial de 1824 à Constituição Republicana de 1891 e à Constituição, supostamente revolucionaria, de 1934, passando pelo Código do Processo de 1832 e pelo Ato Adicional de 1834-nenhuma delas vingou realmente, subsistir na sua p u r e z a. Busque-se, porém, a causa dêsta fracasso-e ver-se-á que ela está precisamente nisto: que nenhuma destas construções se assentou sobre bases argamassadas com a argila da nossa realidade viva,da nossa realidade social, da nossa realidade nacional.

Esta realidade nacional nos ensina muitas cousas. Entre as muitas cousas ensinadas, está esta: de que se, em todos os tempos, o problema da democracia no Brasil tem sido mal posto, é porque tem sido posto à maneira inglesa, à maneira francesa, à maneira americana. mas não à maneira brasileira.

Na Europa ou na America, todo o problema da democracia concentra-se principalmente na organização do sistema eleitoral e na verdade do voto. E é natural que assim seja: há alí uma opinião popular poderosa. militante, organizada, segura da sua força e dos seus direitos. O problema político por excelência é, por isso mesmo-e não podia deixar de ser-o problema do voto, o problema eleitoral, o problema dos modos da manifestação desta opinião popular, assim consciente [illegible]ganizada.

No Brasil, o pr[illegible]a fundamental da organização democrática não póde ser o mesmo da América e da Europa. O nosso problema político fundamental não é o problema do voto-e sim o problema da organização das fortes de opinião. Temos que suprir pela ação consciente do indivíduo e do Estado, e até onde for possivel, aquilo que a nossa evolução histórica ainda não pôde dar: estrutura, organização, consciência coletiva.

O problema da organização da voto só seria o problema capital da nossa democracia, se aquí á maneira da Europa ou da América, a opinião já estivesse organizada. Ora, não há maior ilusão do que supor que no Brasil existe uma opinião organizada. Êste volume, nos vários capitulos de que se compõe, visa juntamente provar esta tese.

Os povos contemporâneos, ou melhor, as democracias contemporâneas poder ser classificadas em dois grupos: as democracias de opinião organizada e as democracias sem opinião organizada. Os ingleses e os americanos pertencem ao primeiro grupo. Nós pertencemos ao segundo grupo das democracias de opinião infusa, inorganica, inarticulada.

Ora, um dos grandes problemas de nossa organização politica está precisamente em fazer evoluir nossa democracia desta sua condiçãp atual para uma democracia de opinião organizada.

# Contrastes

(Continuação da 7a. pág.)

filhos dos mais ufanos burgueses. Festeja-se, naquele «paraiso terrestre», um acontecimento notável,—o aniversário da mais nova filha do grande capitalista.

Em um invejável terraço, enterrados em confortável poltronas,conversavam as maiores celebridades monetárias, ao clarão do luar artificial, refletido pelas filhas de Edison.

Inspirado, naquela data juvenil, um dos ricaços, cinicamente, conta as proêzas de seus filhos: o luxo estravagante de seu caçula e a soma fabulosa que seu primogênito havia dissipado, durante sua permanência na América do Norte. E finalisando com uma estrondosa gargalhada exclama:

—Com esta mocidade não há quem possa!

Outro, ruminando seu «Príncipe de Gales», calcula os milhões numa partida de açucar, presa em seus armazens, para, mais tarde, aproveitando a falta no mercado, monopolizar o povo, obrigar o povo a dar tudo por um produto que fôra desvalorizado, quando do povo; transportado aos seus armazens pelo próprio povo; trazido dos canaviais pelo povo; e transformado em açucar pelo mesmo povo.

Outro, ainda, esquecido ser creatura e não creador, não usava no falar o futuro dos verbos, ou antes do presente a expressão dos humildes,—Se Deus aprouver...; falava como se as coisas acontecessem pela sua própria determinação, maculando aquela atmosfera com os seus:—Eu faço,—Eu vou,--Eu ganho.

Subitamente, o ambiente toma o verdadeiro aspécto de delírio, agora, juntos aos filhos, os pais saúdam a aniversáriante com os toques de copo e a profusão de «Champagne». Enquanto o rádio, através do disco, convida Chico Àlves a cantar a letra da música carnavalesca:

Ai, ai, ai,
O galo é quem está com a razão;
Ai, ai, ai,
Poleiro de pato é no chão.

---

São escabrosos os caprichos do destino!

Uns choram, sofrem, meditam; outros riem-se, gosam, divertem-se.

Todos velam por si mesmos; a dôr do próximo ninguem sente.

Não existe divisão do trabalho e dos lucros proporcionais aos esforços; aquele que mais trabalha é o que menos ganha.

Gira o mundo desviado dos princípios de Deus!...

Crescem os contrastes!...

# Papai Noel

## Mac Adam

Já vai bem longe o tempo em que eu acreditava nos brinquedos de Papai Noel. As minhas ilusões de hoje são diferentes, Como criança mais velha, alimento os mesmos sonhos sob forma diversa.

Eu acreditava no velhinho bondoso, sorridente, de barbas alvacentas, carregando nas costas o saco repleto de brinquedos. E então, ciente de que Papai Noel não se esqueceria de mim, colocava os sapatos debaixo da rêde, e adormecia com o pensamento na dádiva de Natal. E me parece que Papai Noel dava presentes a todas as crianças. De casa em casa, por toda a parte, a sua visita era recebida com orgulho e satisfação pela petizada.

No dia em que se festeja o nascimento daquela criança, nascida numa estrebaria, adorada e respeitada pelos reis peregrinos do Oriente; no dia em que santo e sábio Jesús veio ao mundo trazer a paz e a concórdia através de sua doutrina — a 25 de Dezembro: as outras crianças; semelhantes a êle pela inocência e pela pureza, recebem premios que Jesùs dá por intermédio da figura simbólica e veneranda de Papai Noel,

Naqueles tempos idos, os brinquedos feitos de madeira, baratos, simples e bonitos, enchiam todos os lares. Mas um dia apareceram os brinquedos caros e luxuosos, que se vendem nas lojas; bonecas de louça, granfinas e petulantes, que se vestem com roupas de sêda; tão diferentes das bonecas de pano, com vestido, de chita, simples e rudes, porém graciosas e belas. E o avião rùstico de madeira foi substituido pelo avião complicado e confuso, refletindo a própria época em que vivemos. E o Velho Noel tambem se modificou. Ficou importante. Talvez tambem tenha mudado de aspeto e seja bastante orgulhoso. Em vão os garotos pobres perguntam por que ele não lhes faz siquer uma visita, não deixa uma lembrancinha... Como Papai Noel está mudado !...

Todos nós ansiamos por presentes de Natal: Pedimos a paz e liberdade a todos os povos Pedimos mais justiça e fraternidade. E, acima de tudo, desejamos a construção de um mundo melhor pela implantação da verdadeira felicidade — baseada no amor, na igualdade e na dignidade da criatura humana.

Se formos atendidos em nossa prece, que Papai Noel não se esqueça das crianças que Jesús lhe confiou, enchendo os seus lares de confôrto, e dando-lhes no imenso país em que vivemos um lugar ao sol, à vida e à felicidade.

Café Glóbo
O seu melhor Café
Praça da Graça - Parnaíba

# Da "arte de amar"

## VICENTE DE CARVALHO

«Nem mesmo com uma flôr...»
Diz o provérbio árabe. Parece
Que com dobrado primor
Falara êle se dissesse:

«Nem mesmo com uma frase
Siquer

Seja ela embora tão leve
Ou quase

Como a mais leve pluma
Se deve
Bater numa
Mulher...»

A Miscelanea
A Casa mais barateira da cidade.
Vende fazendas, louças e artigos
para presentes.
Praça do Mercado
PARNAÍBA PIAUÍ

# Soneto

III

## VICENTE DE CARVALHO

Belas, airosas, pálidas, altivas,
Como tú mesma, outras mulheres vejo;
São rainhas, e segue-as num cortejo
Extensa multidão de almas cativas.

Têm a alvura do mármore; lascivas
Fórmas; os lábios feitos para o beijo;
E indiferente e desdenhoso as vejo
Belas, airosas, pàlidas, altivas..

Porque? Porque lhes falta a todas elas,
Mesmo ás que são mais puras e mais belas,
Um detalhe sutil, um quase nada:

Falta-lhes a paixão que em mim te exalta
E entre os encantos de que brilham, falta
O vago encanto da mulher amada.

# A classe operária está de parabens

As festividades comemorativas do nosso primeiro Centenario como cidade, teem nos propocionado grandes surprezas, isto diga-se de uma vez aconteceu em todos os setores, mais é justo darmos o valor a quem merece.

Destas festas destacam-se em grande plano a realizada pelo Circulo Proletario S. José, marcando o novo seculo que Parnaíba vai vencer com a inauguração da sua séde.

O operariado da nossa cidade está portanto de parabens, pois, vastissimo é o campo que se amplia em sua frente, como uma sociedade destinada a amparar os seus irmãos de classe; a previdencia e benemerencia já faz parte da alma do parnaíbano o Circulo agora ampliou mais um ponto o seu vasto campo.

Sim; o proletariado está portanto de parabens, porque hoje e nos dias vindouros elo constituirá uma força que levará de vencida todos os impecilhos que a afastam do plano social que a compete.

Temos a certeza do que acabamos de afirmar,pois bastante é lançar um olhar retrospectivo e ver o que fizemos neste primeiro seculo de lutas.

Os governos fortes e sadios, orientados na mais sublime de todas formas de regimens, a mais sã e que aquele que trabalha e luta dia a dia não esquecem do faz, tudo dá pelo nosso constante bem estar de sol a sol, tudo precisa ser elevada ao plano e a esfera que vale como homem conciente do seu valor.

O operario bem sabe do rumo e da meta a seguir. Falar em falar do proletariado não é propugnar por ideias e ideais Marxistas.

Não, é ser humano; ser democrata por principios. Quando bem sabemos que o brasileiro não despreza a propriedade privada, e nem é partidario do bolchevismo,

O operario teme e queixa-se, na verdadade, de que lhe toca não é a maior e melhor; com receio vê esgotar de suas economias, arrastadas pela crise financeira que o mundo atravessa.

Mas mais grave, do que isto, é o espirito revolucionário daqueles que uma negra miseria levou ao desespero.

Ou, as ideias daqueles outros infelizes cuja existencia se firma na incerteza e insegurança dos dias vindouros.

Que comerão eles amanhã ?

E quantos pais se desesperam na impotencia de obterem "o pão de cada dia" de seus filhos. Certamente o desespero, a miséria, o infortunio e o séquito de dores e aflições da desgraça aliada a ambição e a deshonestidade constituem as armas poderosissimas e o conjunto que conduzem ás idéas e doutrinas extremistas.

Desses recrutas da miseria, homens desenganados pela sorte e pela felicidade, revolucionarios de uma doutrina, esses não são revolunionarios de que se ria.

Combater esses revolueionarios, guiados pela veracidade do dever e para a escola do trabalho - é esta entre muitas outras missões que cabe ao Circulo Proletario. Porque há sempre além de tudo probalidades de tornar o homem melhor, trabalhando-se pelo seu bem estar. Se é certo que os bons costumes nada aproveitaram com a promiscuidade das "Aguas-furtadas",de outro lado quem não gozou nunca do direito de propriedade, pouca vontade terá de culturar o patriotismo.

Ubi bene, ibi patria — disse Cicero nas Tusculanas, embora de baixa inspiração, essa maxima não deixa de ter seu fundo de razão. O patriotismo virtude natural para o comum dos cidadães, torna-se heroica em se tratando dos proletarios.

Por todas essas razões , para benizamos a classe proletaria da invicta Parnaíba, porque vemos neste feito um grande passe , para a meta de seus ideais humanos.

Zé Piauindio

# CEM ANOS—as

(Continuação da 1a. pág.)

fé e civismo pátrios.

Como marco indelevel da data, est[illegible] Santo Antônio o monumento arquitetôn[illegible] fez erigir, projetado para o alto, c[illegible] ali à praça de tentico anceio de subir que tem [illegible]ico que a Prefeitura cante no destino do povo par[illegible]racterisando êsse aussido uma aspiração mar-

De cimento e ferro, es[illegible]aibano.

via, algo mais valioso do [illegible]e monumento contém, todadas cousas sem vida. El[illegible] que a imobilidade e inércia século que passou e [illegible] representa uma divisa entre um da do tempo gire [illegible]utro que se inicia, e embora a roos séculos, a par[illegible]ninterruptamente, fazendo os anos e consumida, mas [illegible]e material do monumento pode ser triótico e de [illegible] o alto espírito de civismo, de ardôr panuará imor[illegible] compreensão humana que o plasmou contimento ar[illegible]al no espírito dos séculos, porque o monuaspirac[illegible]tes de ser pedra foi idéia, foi pensamento, foi m[illegible]do e foi vida.

As horas de intenso júbilo que Parnaíba vive jamais serão esquecidas pela geração presente, e compete aos que prazeirosamente as vivem, constituir com elas trêchos de histórias para os filhos, como á nossa infância falaram as lendas da Independência, da Abolição, do Paraguái, a fantasia símples e sincéra dos nossos avós, no esplendor simples e pacato de outras éras.

Outros centenários virão na marcha eterna dos dias. Mas o primeiro será apenas êste. E quando a cabeça alvacenta da Parnaíba, prateada pela neve do tempo, estiver trémula e cansada sobre o tronco do Piauí, o primeiro fio prateado penderá sobre a face enrugada da terra mãe, ao mesmo tempo que os lábios se entreabrirão num sorriso místico, feito de recordaçõss, de sentimento, de saudade.

## SONETO

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel serrana bela
Mas não servia o pai servia a ela
Que a ela só por prêmio pretendia

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la
Porém o pai, usando de cautela
Em lugar de Raquel lhe deu a Lia

Vendo o triste pastor que, com enganos
Assim lhe era negada a sua pastora
Como se a não tivera merecida

Começou a servir outros sete anos
Dizendo : Mais servira, se não fôra
Para tão longo amôr tão curta vida.

Camões